

CONTANDO HISTÓRIAS DA ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM DIÁLOGO ATEMPORAL COM A CULTURA VISUAL

*TELLING ART STORIES IN CHILDREN'S EDUCATION: A TIMELY DIALOGUE WITH
VISUAL CULTURE*

Alessandra Gurgel Pontes
UFPEL¹
sanagurp@gmail.com

Maristani Polidori Zamperetti
Prof^a. Dr^a / UFPEL
maristaniz@hotmail.com

RESUMO

Pensando no ensino da Arte no contexto contemporâneo de educação, em que visamos novas práticas pedagógicas, este trabalho intenta apresentar a importância da história da arte na Educação Infantil, num contexto atemporal e num viés interpretativo como parte da formação cultural desde os anos iniciais. Tal pesquisa é um reflexo da experiência pedagógica exercida na Escola Municipal de Educação Infantil Ruth Blanck, durante o estágio curricular do curso de Artes Visuais – Licenciatura, em que as aulas foram precedidas de apresentações de referenciais históricos artísticos, para contextualizar com as práticas realizadas pelas crianças. Entendemos que história da arte num contexto interpretativo, que dialogue com a formação cultural e histórica, proporcione às crianças pequenas um maior entendimento da cultura visual contemporânea de forma precoce, além de contribuir para uma prática mais voltada para produção artística e não somente de mera atividade. O trabalho tem como objetivo evidenciar o potencial da história da arte como princípio para leitura e compreensão das imagens históricas e contemporâneas, seja de cunho artístico ou publicitário (BARBOSA, 2015). Consideramos, portanto, que a apresentação histórica da arte no contexto da educação infantil, permita de forma antecipada promover o entendimento social e cultural dos sujeitos envolvidos pela Cultura Visual.

Palavras-chave: História da Arte; Educação Infantil; Cultura Visual; prática pedagógica.

ABSTRACT/RESUMEN

Thinking about the teaching of art in the contemporary context of education, in which we aim at new pedagogical practices, this work tries to present the importance of the history of art in Early Childhood Education, in a timeless context and in an interpretive bias as part of the cultural formation from the early years. This research is a reflection of the pedagogical experience carried out at the Ruth Blanck Municipal School of Early Childhood Education during the curricular stage of the Visual Arts - Licenciatura course, in which classes were preceded by presentations of historical artistic references, to contextualize the practices carried out by children. We understand that the history of art in an interpretative context, which interacts with cultural and historical formation, gives young children a greater understanding of contemporary visual culture in an early manner, besides contributing to a practice more focused on artistic production, and not only on mere activity. The work aims to highlight the potential of art history as a principle for reading and understanding historical and contemporary images, whether artistic or advertising (BARBOSA, 2015). We consider, therefore, that the historical presentation of art in the context of early childhood education, allows in advance to promote the social and cultural understanding of the subjects enveloped by Visual Culture.

Keywords/Palabras clave: History of Art; Child education; Visual Culture; Pedagogical Practice.

¹ Artista visual, graduanda de Licenciatura em Arte Visuais e Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas.

Introdução

O presente artigo visa apresentar os resultados de uma proposta pedagógica que teve por objetivo utilizar a história da Arte já nos anos iniciais como fomentadora de temas geradores que possibilitam a compreensão da cultura visual histórica e contemporânea. Tal proposta foi efetuada durante minha experiência como professora no estágio curricular do curso de artes visuais licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, em que trabalhei com crianças de 5 e 6 anos do último ano da educação infantil da Escola Municipal de Educação Infantil Ruth Blanck. Durante o período que ocorreu no segundo semestre de 2017, meu desafio era apresentar e produzir arte com crianças pequenas, e que ainda não eram alfabetizadas, de forma que a compreensão da Arte fosse além da prática artística. Entretanto, meu desafio, era ajudar crianças pequenas a desenvolverem o potencial para compreender o contexto da arte e sua história, através de uma metodologia que as ajudassem produzir de forma consciente e autônoma. Preocupada com o contexto contemporâneo social que estamos inseridos, procurei desenvolver no ensino de arte durante o estágio, uma metodologia revolucionária tal como foi feito por Pistrack, Freire, e Ana Mae Barbosa e Robert Reed. Este último como referência para uma educação através da Arte.

Pensando nisso, comecei a preparar meu projeto de ensino de modo que em todas as aulas fosse apresentado um referencial teórico e artístico da arte, contextualizando com a realidade dos educandos. Sendo assim, eu me preocupei em desenvolver a capacidade das crianças, de forma interdisciplinar, para que através da arte, o trabalho pedagógico fosse gerando novos temas e descobertas culturais.

O objetivo era propor, que através da compreensão artística a criança fosse capaz de realizar conexões com outros temas e dessa forma compreender a relação da arte com o contexto histórico e social. Pois não devemos esquecer que o objetivo da arte na escola é diferente do contexto da arte estudada na universidade, pois no contexto escolar a arte tem um encaminhamento epistemológico, um “compromisso com a cultura e com a história” (BARBOSA, 2012, p. 18), assumindo um papel transdisciplinar que se conecta ao mundo empírico do educando.

Portanto, o trabalho aqui apresentado tentará primeiramente revisar a metodologia, que foi utilizada nessa experiência pedagógica e sua conexão com os temas geradores que encontramos em Pistrack e Freire. Tal reflexão é imperativa para a compreensão do ensino da Arte e sua história no processo escolar contemporâneo como área de conhecimento disposta

ao entendimento da cultura imagética. Também nos cabe analisar de que forma as crianças pequenas compreendem a história artística contada, já que em sua maioria ainda não possuem a ideia de ordem cronológica aplicada à história, portanto, se atentam aos detalhes contados que culminam em dúvidas e que formam respostas com temas transversais à tal história.

Sendo assim, é preciso compreender que a história deva ser contada de forma atemporal com assuntos e referenciais artísticos que coincidem com o que será feito durante as atividades práticas. Consideramos ainda, que este trabalho tentará expor de forma reflexiva como tal metodologia situa as crianças pequenas, os ajuda a entender períodos históricos aumentando o repertório cultural, mas acima de tudo percebem que a Arte é uma forma de expressão que reproduz eventos da realidade e que representa a visão do artista frente a sociedade e a realidade, além de ajudar a criança a perceberem que seu próprio trabalho é uma ferramenta para se expressar, poetizar e representar sua própria realidade.

A História da Arte e os temas geradores como propulsores para entender a da cultura visual

Pensando na minha formação como professora/pesquisadora, entendo que meu trabalho, minha postura pedagógica, é de construir e reconstruir alternativas metodológicas que se adequem a necessidade contemporânea do ensino da Arte, de se vincular ao cotidiano dos educandos ainda na educação infantil. Sendo assim, a história da Arte também precisa ser pensada como parte desse processo que envolve um cotidiano em constante transformação e que é percebido de formas particulares e diferentes por cada sujeito. Para Meira e Pillotto (2010, p.87), “vivemos numa época de excessos, de transformação rápida”, por isso acredito que seja importante a introdução da estética, da história da arte, desde a infância para que haja o desenvolvimento do potencial sensível dos educandos em meio a este cotidiano de múltiplas informações.

Compreendo que em meio esse cenário, é preciso pensarmos em outros modelos de educação – que não são novos, mas que foram revolucionários e continuam sendo atuais como os modelos Pistrackeano e Freiriano, que em ambos os casos falam dos temas geradores como parte de seus ideais de uma educação transformadora e revolucionária. Pistrack, por exemplo, analisa que:

para transformar a escola, e para coloca-la a serviço da transformação social, não basta alterar os conteúdos nela ensinados. É preciso mudar o jeito da escola, suas práticas e sua estrutura de organização e funcionamento, tornando-a coerente com os novos objetivos de formação de cidadãos, capazes de participar ativamente do processo de construção da nova sociedade. (Pistrck, 2002, p.8)

Visando, portanto, o papel da Arte nesse processo de educação contemporânea, como uma potência de transformação, de expressão e de voz para as classes mais oprimidas, cabe a nós, profissionais do ensino de arte, a pesquisa em torno dos temas geradores como uma alternativa. Um sistema de organização do ensino que é particularmente muito pertinente no ensino da arte e da história dela para se compreender a cultura visual contemporânea e os ideais por trás das imagens. Vale lembrar que Freire (1979, p.17) assinala que “os temas geradores podem situar-se em círculos concêntricos que vão do geral ao particular”, portanto, entendemos que os temas geradores na didática do ensino da arte implicam na procura do pensamento e na construção de sentido, o que irá culminar na contação de novas histórias particulares e de novos temas autônomos. O que quero dizer é que esse método facilita a prática educativa artística, no sentido de explorar as possibilidades que arte proporciona para se entender o mundo visual contemporâneo, através da interpretação e das narrativas de novos temas. No prefácio de “Imagens que Falam”, Michael J. Parsons (2003, p. 7), analisa que:

Enquanto a torrente de imagens no nosso mundo aumenta e nos afeta mais ainda, a educação em arte se torna mais necessária, e sua tarefa principal é ajudar os estudantes a compreenderem e atingirem senso crítico sobre o carácter dessas imagens. Educação em arte é agora parte central de uma formação cujo o alvo é a liberdade.

Quando refletimos sobre a conjuntura atual política, social e histórica do nosso país, que se encontra em uma crescente transformação decadente, se faz necessário pensar no papel da escola frente a tais mudanças como uma ferramenta revolucionária que capacita aos indivíduos a entenderem, explorarem e se expressarem sobre o seu meio. Segundo Caldart “Pistrak identifica como sendo os dois aprendizados principais que se deve esperar dos educandos: saber lutar e saber construir” (Pistrack, 2000, p.9). Essa visão de Pistrack sobre o papel dos educandos foi ancorado no seu modelo de educação que não dissocia a escola do trabalho, no entanto também nos remete ao potencial do ensino da arte para construir narrativas nas produções escolares que muitas das vezes revelam as frustrações cotidianas dos educandos. Focando, portanto, na educação infantil, refletimos que é essencial que a história da Arte seja mostrada, apresentada e contada, para dar início à conscientização dos

educandos, sobre o papel que Arte teve ao longo da história como um meio de expressão revolucionária, de luta, de denúncia e voz através das produções artísticas e dos movimentos vanguardistas em que esteve presente.

É preciso que esta introdução desperte o interesse dos pequenos para o potencial que a produção artística possui de expressar o entendimento sensível, reflexo e crítico que eles têm do mundo. Em parte, a preocupação nesta primeira fase da educação é de dar início a uma expressão artística consciente e apresentar um referencial artístico que os ajudem a compreender que arte e vida andam juntas, assim como os múltiplos temas culturais que os envolvem. Segundo Ana Mae Barbosa (2014, p.36) “temos que alfabetizar o olhar para a leitura da imagem, através da leitura de obras de artes plásticas”, essa colocação é sempre pertinente no contexto atual.

Entretanto, antes precisamos entender que o modelo fragmentado de educação que castra e enumera as competências da compreensão humana por faixa etária, não cabe mais num mundo contemporâneo pois a informação é muito rápida e mais acessível, com isso, Nunes (2010, p. 59), ressalta que “a criança traz para a escola uma pré-história de experiências e vivências culturais”. Portanto podemos entender que as crianças em idade escolar inicial, também podem articular sobre temas e assuntos que são revisados através da história da arte. Assim sendo, devemos pensar nas possibilidades pertinentes ao ensino de artes, que nos permite arriscar novas práticas pedagógicas e o quanto isso é benéfico para os novos rumos da educação pós-moderna, principalmente numa área que envolve múltiplas potencialidades do conhecimento humano.

Ainda assim, é necessário que, nós profissionais do ensino de artes, estejamos abertos à pesquisa e a produção do conhecimento, visando ampliar as possibilidades desse ensino como uma área transdisciplinar e geradora de temas complexos desde os anos iniciais. É importante que passemos a entender que a linguagem artística não está separada do cotidiano, da cultura, ou melhor da multiculturalidade que nos cerca, portanto é através dela que é possível desvendar, ou pelo menos compreender os códigos por trás da cultura visual. Essa perspectiva está em concordância com a visão de Barbosa:

Fomos alunos de Paulo Freire e com ele aprendemos a recusar a colonizadora cópia de modelos, mas escolher, reconstruir, reorganizar a partir da experiência direta com a realidade, com a cultura que nos cerca, com a cultura dos outros e com uma pletora de referenciais teóricos, intelectualmente desnacionalizados, como diz Bourdieu, por nós escolhidos e não impostos pelo poder dominante (BARBOSA, 2014, p. XXXI).

Essa afirmação de Barbosa me permitiu pensar numa prática educativa de pesquisa que introduz novos rumos para a arte na educação infantil e que de forma precoce prepara o indivíduo para a compreensão imagética do mundo. Muito embora seja o início de uma pesquisa, este trabalho me permitiu analisar que essa forma de atribuir a história da arte nas práticas educativas de arte, na educação infantil, também possibilita que os educandos comecem a produzir de forma consciente e autônoma aumentando já desde a infância – momento em que o desenho infantil tem carga representativa e também imaginativa – sua expressão artística, sensível e representativa do mundo.

Neste contexto, entendo que a compreensão, a reflexão e produção artística são indissociáveis. Assim como Barbosa (2012) acreditamos que o fazer artístico é tão importante quando a compreensão das obras de arte para que seja possível esse entendimento da relação que as Artes têm com a sociedade. No entanto esse fazer só se torna algo além da atividade, quando é contextualizado com as referências artísticas e com o cotidiano.

Além disso, os temas gerados pelo contar de histórias artísticas, aumenta a curiosidade das crianças pequenas com relação ao mundo e as coisas que o compõem dentro da visão particular de cada indivíduo. Analisamos, portanto em Parsons (1992) que a compreensão histórica da arte passa por cinco estágios da complexa compreensão artística, que envolvem a cor, o tema, a beleza, a experiência, o significado social e cultural, os conceitos, mas é através desse processo que desenvolvemos também a capacidade cognitiva de compreender o patrimônio histórico artístico e as diversas facetas que envolvem a Arte.

Entendemos, portanto, que a história da Arte, dada neste contexto, precisa levar em conta o desenvolvimento do pensamento da criança que relaciona a história contada com suas perspectivas empíricas. Para Nunes (2010) “Após a cor, as crianças percebem o tema e, com isso, realizam associações; não há uma dissociação entre as lembranças que elas têm e o que veem nos quadros”. Essa forma de compreensão gera outros temas de interesse para eles e novas histórias a partir de uma pequena parte da história da Arte. Com isso, o ensino da arte se torna transdisciplinar e aumenta o repertório cultural para que mais tarde a familiaridade e a compreensão da história mundial da arte se tornem um processo mais simples, e ao mesmo tempo mais crítico, mais reflexivo, a respeito das produções artísticas. Segundo Nunes (2010), é preciso “elencar eixos temáticos tirados da prática social da produção e compreensão da arte e da História da Arte da comunidade até chegar à compreensão da História da Arte Mundial, acumulada como um saber cultural, histórico-social”.

A experiência educativa da história da Arte na educação infantil do Ruth Blanck

Este texto nasceu das minhas experiências e tentativas pedagógicas artísticas, como professora do último ano da educação infantil no EMEI Ruth Blanck, situada na cidade de Pelotas. Durante esse período que compreendeu meu estágio curricular de outubro a dezembro de 2017, ousei experimentar uma metodologia que utilizava a história “contada” da Arte nas práticas educativas que encaminhei. Não se tratava de somente apresentar a referência artística por meio de uma imagem, era contar a história de tal artista, de tal obra, ouvir o que as crianças poderiam contar sobre tal artista e sobre tal obra. Era gerar novos temas, novos assuntos, os ajudando a compreenderem a própria realidade e a se expressarem através das histórias e de suas produções.

O intuito era ajuda-los a perceber que poderiam narrar suas perspectivas através da produção artística, assim como os artistas de quem falávamos, também a fizeram. Para Rossi (2006, p. 57) “quando o aluno relaciona os elementos presentes na imagem com alguma coisa que poderia ter acontecido ou que poderá acontecer, ele está usando a narrativa para interpretá-la”. Contudo, a metodologia também precisava ser voltada a faixa etária e ela contava com a utilização de livros, objetos, imagens, além de livros infantis sobre artistas – que é uma ótima ferramenta metodológica para introduzir as crianças pequenas nessa proposta que abrange o ensino da história da Arte.

Em meio a esse processo que envolvia rodas de contação de histórias sobre determinado artística, apresentação de vídeo, de imagens e reprodução de história artística através de uma linguagem mais lúdica, pude compreender que as formas de percepções sobre a história da arte, e dos referencias artísticos é apreendido de maneiras singulares por cada educando desta idade. Essa compreensão e interpretação irá depender da bagagem cultural que já possuem, do quanto estão dispostos a se inteirarem do assunto, o quanto lhes interessa. Rossi (2006, p. 20) enfatiza que “hoje precisamos perguntar, não como as crianças veem as coisas, mas qual significado que atribuem a elas; quais são as capacidades interpretativas que elas têm e como elas compreendem a arte”.

Falamos de um contexto que envolve crianças de 5 e 6 anos, a maioria ainda não sabe ler ou escrever, portanto a linguagem oral, as narrativas e o desenho constituem sua forma de conceber o aprendizado. Ao ouvirem histórias contadas, elas reproduzem suas próprias histórias, compreendem e articulam conceitos básicos e muitas vezes mais complexos. Segundo Rossi (2006) “os alunos vão gradualmente fazendo uso de ideias cada vez mais

complexas, sofisticadas e adequadas ao mundo da arte, desde que tenham oportunidades de interagirem com ele”.

Escutando sobre a história da arte, de forma dinâmica, de forma contada como um conto infantil, a criança reproduz suas próprias histórias, seu ponto de vista sobre arte que ela relaciona com seu cotidiano. Em *Imagens que falam* Rossi (2006, p. 38) analisa que a criança estabelece uma relação imagem-mundo “quando demonstra acreditar que a imagem é literalmente a representação do mundo, das coisas que existem ou acontecem”. Nesse processo fui ouvindo e refletindo junto com eles sobre outros temas, sobre a compreensão da existência, na voz de crianças tão pequenas, sobre as intenções artísticas que eles analisavam numa obra de arte, sobre o quanto um detalhe de uma obra suscitava em histórias contadas, reproduzidas, lembradas e inventadas.

Ao final das histórias fui ouvindo comentários como: “*Ô prof, acho que ela tava triste, por isso que se desenhou assim*”²; “*Prof, acho que ela tinha muitos bichos, por isso que pintava eles*”³; “*Prof porque ela ficou na cama, assim doente? Porque não foi ao médico?*”⁴ Percebemos nas falas de algumas crianças que certos assuntos e detalhes retratados nas obras, são mais pertinentes à curiosidade das crianças, pela proximidade que possuem com seus cotidianos, com as semelhanças vividas e as experiências que já tiveram. De tal modo, entendemos que os ‘temas geradores’ de Freire e Pistrack, funcionaram bem nesta proposta de ensino da arte como metodologia para compreender a interpretação das imagens e o desenvolvimento da apreciação estética na fase da educação infantil.

Durante essa experiência como professora de arte da educação infantil, meu foco era contar histórias sobre as produções artísticas da América Latina, do Brasil e da América Pré-colombiana, para inicia-los na história artística que pertenciam ao nosso sítio regional. Essa escolha não foi por acaso, como vemos em Freire (1979, p. 19) “pela ausência de uma análise do meio cultural, corre-se o perigo de realizar uma educação pré-fabricada, portanto, inoperante”. Por isso, entendo que iniciar educandos tão pequenos, na história da arte europeia poderia limitar o conhecimento deles a respeito da sua própria história e do contexto histórico-social que estão inseridos.

Mas meu objetivo também era ouvir as histórias que as crianças poderiam contar através de suas produções. Desde o preparo do projeto de ensino eu idealizei um formato de

² Fala da Isabeli, 5 anos sobre uma das obras da Frida Kahlo;

³ Comentário do Davi, 5 anos, também sobre a obra de Frida Kahlo;

⁴ Comentário do Gabriel, 6 anos, sobre os autorretratos de Frida Kahlo.

aula e uma metodologia que trabalhasse a história da arte de forma atemporal, sem critério cronológico, sem me importar com datas e períodos específicos. O foco era contar histórias e dessas histórias, ajuda-los a entender que poderíamos criar narrativas nas nossas produções artísticas, representar nossas vivências e nossa forma particular de ver o mundo.

Na minha primeira aula – que fui como observadora da turma, ainda durante o processo de elaboração de meu projeto de ensino – foi me solicitado que fizesse uma atividade com a turma. Tal pedido não se adequava ao meu projeto de ensino, visto que “dar atividade” sem contexto, sem preparo, nunca foi minha intenção. Ainda assim, aceitei o desafio e improvisei uma aula tendo como ideia contar uma história sobre mim, como eu sendo uma personagem “clandestina” na cidade Pelotas, que não a conhecia, e uma clandestina na escola deles, que também não a conhecia. Argumentei que eu gostaria de conhecer mais sobre a escola, como ela era e o que acontecia ali. A partir daí as crianças me contaram histórias sobre a escola, sobre as coisas que tinham nela, o que acontecia por lá e sobre como cada um a via. A seguir pedi que eles me contassem sobre essas histórias, para que eu conhecesse mais da escola, através de um desenho, feito em papel A4, como lápis de cor e giz de cera.

O resultado dessa aula/atividade, sem preparo, feita de surpresa e improvisação, foram desenhos que retratavam o parquinho da escola, a horta, as janelas, a sala de aula, a professora, uma porta. Foram desenhos com a mesma temática, feitos pelo mesmo grupo de uma mesma sala, mas com visões dispares da escola. No entanto essa experiência me fez refletir que se talvez eu não tivesse iniciado com uma conversa sobre a história da escola, das coisas da escola, das pessoas, e minha própria história, as produções poderiam ser diferentes. Como seria se eu tivesse pedido apenas para que eles desenhassem a escola, sem contarmos histórias, sem conversarmos sobre ela? Essa pergunta ainda me intriga, pois, os desenhos poderiam ser diferentes ou não. O trabalho poderia ter se transformado numa mera atividade, com único propósito de desenhar a escola, já que havia um tema escolhido.

Seja como for, as histórias, a conversa, e até mesmo a contação lendária de eventos que teriam ocorrido na escola – geraram diversos outros temas que firmaram o início de uma relação dialética entre eu professora e meus educandos. Como se naquele primeiro contato firmássemos o compromisso de conversarmos sobre arte e vida, sobre o viamos e sobre o cotidiano. Naquele momento, introdutório sem preparo a prática pedagógica começou a acontecer prola história da arte, da narrativa artística na sala de aula.

Nesse primeiro contato, eu também pude perceber o quanto que a história, tanto contada, quanto ouvida é importante para as crianças pequenas da educação infantil. E que a possibilidade de narrar essas histórias através da imagem proporciona o aumento da expressão, da imaginação, da representatividade cotidiana, tão importante para o reconhecimento de si, no desenvolvimento infantil. O desenvolvimento da cognição, a compreensão estética e o desenvolvimento psicológico para compreender arte, tal como nos coloca Michael Parsons (1992) emergem nas falas e nas interpretações das crianças. Portanto é importante que se permita o fruir da linguagem, da interpretação e da leitura imagética, conforme acentua Ostetto e Leite:

Ensinar a linguagem, permitindo o fluir de significados e sentidos no espaço educativo, em situações sociais reais de enunciação, é ir além dos formais do conhecimento escolarizado. É seguir abrindo caminhos para a imaginação, é possibilitar ferramentas para as crianças entrarem cada vez mais no mundo simbólico da nossa cultura, que se expressa também, mas não só, pela escrita. (20015, p.187)

Ancorada numa perspectiva relacionada à essa colocação, pensei na elaboração de um projeto de ensino que pretendia ampliar o repertório cultural da turma a ser trabalhada na educação infantil, tendo como objetivo, desde já, um fazer artístico consciente e autônomo. Potencializando as habilidades que as crianças já possuem de se expressarem, através da construção artística, e por meio do conhecimento histórico da arte. Visto que a turma em questão já era bem habilidosa com relação a compreensão técnica das diversas formas de expressão visual, minha preocupação se voltou para a introdução da história da Arte e da relação que ela possui com o contexto social que estão inseridas.

Além disso, me preocupava com os efeitos que o ensino da arte traria para os educandos desde a infância como uma forma de construir de narrativas através das produções artísticas que seriam realizadas. Através dessa metodologia, também foi possível a ampliação da linguagem visual contemporânea e das habilidades de interpretação e ressignificação das imagens.

Finalmente com meu projeto de ensino pronto, intitulado “*Dialogando com o mundo empírico dos educandos: construindo expressões e olhares sobre a realidade através da Arte*”, pude prosseguir com o objetivo que era introduzir a história da arte, estimular a criatividade autônoma e expressiva das crianças iniciando o processo de compreensão da cultura visual e da própria identidade dos educandos. Seguindo com esse propósito, dei

continuidade ao projeto em minha primeira aula, em que propus que eles se desenhassem, e que me contassem através da imagem, como eram e como se viam. Para iniciar o entendimento da proposta contei uma história no início da aula, uma história sobre uma mulher que se retratou muitas vezes através de pinturas. A história falava de uma personagem que adorava pintar e que passou por muitos problemas de saúde, ficou na cama várias vezes, mas nunca parava de pintar. Contei a eles que essas pinturas eram muito importantes para que ela mostrasse ao mundo como se sentia sobre sua vida e sobre seu sofrimento, essa artista em questão era Frida Kahlo. Após a contação de história do livro “*Frida Kahlo ama sua terra*” (figura 1). Dialogamos sobre a história da artista sem preocupação com datas, período e estilos, a ideia era despertar nas crianças a curiosidade sobre as histórias por trás das imagens que eles viam. O intuito era propor que novas ‘histórias’ da arte fossem criadas a partir da interpretação que eles tinham das obras de acordo com o que já traziam consigo.

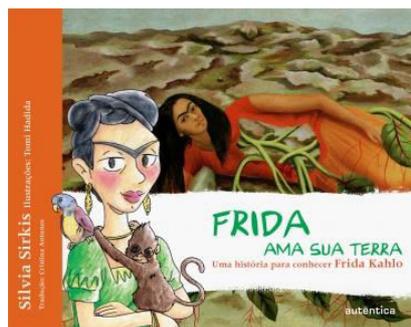


Fig. 1: Livro sobre Frida Kahlo utilizada durante a aula sobre autorretrato

Após os questionamentos que surgiram e as ideias que foram colocadas através da linguagem oral, iniciamos a parte prática da aula. Dando seguimento a aula, o Tema foi explicando como sendo a feitura dos autorretratos de cada um da turma (figura 2). Os trabalhos tiveram início sem minha participação na escolha de formas, no modo como utilizariam a folha de papel, sem influência que pudessem bloquear a representação que eles pretendiam fazer de si. E muito embora, eles fossem ainda pequenos, ouvi apenas uma das crianças me dizer que não sabia se desenhar. Reconheci que a maioria não se preocupava com a questão do certo ou errado na arte, eles queriam me mostrar como se viam dentro do mundo que empírico ou imaginativo, e me contar as histórias por trás de seus desenhos, de suas produções. É perceptível que o trabalho nesta idade é despretensioso, é livre de padrões estéticos que determinam se um desenho é ou não realista (Figuras 3, 4 e 5).



Fig. 2: Atividade autorretrato – Fonte: autora do texto



Fig. 3: Autorretrato – Iasmim – 5 anos



Fig. 4: Autorretrato – Isabeli – 6 anos



Fig. 5: Autorretrato – Pietro – 5 anos

Na última parte da aula iniciávamos um diálogo sobre as produções, em que eles me contavam histórias por trás de seus autorretratos e me mostravam seus desenhos, se gostaram ou não do trabalho e surgiam frases como: “*Prof, eu fiquei feia, não me fiz direito*” ou “*prof, eu podia me desenhar com coroa?*”; também surgiram as mais inusitadas como “*Sou uma monstro planta*”⁵ (figura 6) Ainda surgiram aqueles que tinham mil histórias para contar sobre o seu trabalho e várias atribuições de outros desenhos que juntos eram como um misto de imagens que compunham o autorretrato (figura 7). Ainda assim, percebi que – nesses dois casos em particular – não deveria interpretar os trabalhos de maneira analítica, psicológica, mas sim tentar compreender as narrativas por trás de tais trabalhos, e do contexto que essas crianças estavam inseridas.

⁵ Fala do Gabriel sobre seu retrato



Fig. 6: Autorretrato – Gabriel – 6 anos



Fig. 7: Autorretrato – Gabriela – 6 anos

Durante esse processo, percebia o quanto que as crianças querem falar de suas vidas, de como se veem através dos seus desenhos, se representando tanto de forma imaginativa como interpretativa, essa última mais persistente ao que foi apresentado. Pensando nesse trabalho, entendo o quando foi importante a contação de histórias que tivemos no início da aula sobre uma artista como Frida Kahlo que tanto se retratou. Isso despertou nas crianças o interesse por falarem de si, de mostrarem aos outros como se enxergavam assim como fez a artista. Compreendo que a apresentação da história da arte tenha de certa forma influenciado a construção artística das crianças, no entanto esse processo é de suma importância para que eles percebam que através de suas produções podem comunicar o que sentem, o que pensam, o que imaginam e o que veem sobre o mundo em que está inserido. Acreditamos então, que a história da Arte é pertinente nas práticas escolares também da educação infantil, pois conforme Nunes (2010, p. 65) “não há uma idade para começar, dependerá do contato e experiência que as pessoas tiverem com a arte, da construção de seus pensamentos e, posteriormente, da troca de informação e aceitação da opinião de outras pessoas.

Pensando nisso e dando continuidade ao meu projeto, foi proposto para as crianças a elaboração de um trabalho que representasse a casa deles (Fig. 8 e 9) feito a partir de pintura em papel A3. Isso permitiu que eles expressassem de forma artística a visão que tinham de suas vidas e dos elementos que compunham o cotidiano empírico. Posteriormente, esses trabalhos seriam agrupados em um mural, que na verdade seria um trabalho coletivo a partir dos individuais. Seria como a representação de um “bairro artístico”, imaginário, onde todos eram vizinhos e fariam parte de um cotidiano comum, onde as formas e as cores poderiam ser como eles quisessem.

Para dar início a esse trabalho – que tinha como objetivo o reconhecimento social do cotidiano que as crianças estavam inseridas – mostrei as obras de Volpi, mas não só mostrei

as imagens, como contei uma história sobre Volpi, articulada por mim, de acordo com fontes biográficas sobre a vida do artista. Mostrei como ele utilizava as formas geométricas para representar as casas, as construções em suas obras. E aos poucos os próprios educandos foram percebendo que essas formas se esvaíam, desapareciam e se resumiam a elementos geométricos. Foi de fato uma leitura iconográfica das obras de Volpi, mas a partir das reflexões, surgiram questionamentos a respeito do interesse do artista por desenhar casas e outras habitações.

Sendo Volpi, o artista escolhido para representar a história artística daquela aula em questão, foram utilizadas formas geométricas de tamanhos diversos como parte do arcabouço metodológico, que possibilitou a colagem e a criação de novas formas. O que também permitiu aos educandos se expressarem e introduzirem elementos imaginativos e criados a partir da percepção das formas geométricas no cotidiano e no imaginário. O objetivo era estimulá-los a perceber como essas formas estavam presentes no nosso cotidiano de forma livre, pois como acredita Ferraz e Fusari (2009, p. 85), “a criança exprime-se naturalmente, e sempre é motivada pelo desejo da descoberta e por suas fantasias”.



Figura 8 e 9: Produção do mural “Bairro Artístico” – Fonte: autora do texto

Durante todo o trabalho que se transcorreu na escola e nas aulas seguintes que se seguiram, o uso da história da arte, da arte contata, seja como foi dada, prosseguiu como o princípio fundamental na busca pelo aumento do repertório cultural das crianças. Nessa perspectiva, diversas práticas educativas se seguiram com temáticas que abrangiam questões de identidade na arte, arte afro-brasileira, a representatividade da paisagem na produção artística brasileira, tudo isso, relacionado com as narrativas dos educandos. Pois importava

muito para a pesquisa compreender essa relação que as crianças pequenas estabelecem entre arte vida. Conforme Nunes (2010, p.59) “o aluno aprende descobrindo no diálogo com a comunidade trazido para sala de aula, transversalizado e complexificado com o saber científico e simbólico cultural, visível-invisível na realidade em relação à arte”.

Essa colocação de Nunes é bastante pertinente nessa metodologia que engloba a história da arte, as narrativas e a produção artística. Entretanto é de suma importância ressaltar dois trabalhos em particular que se seguiram: o da produção de cerâmica e o último trabalho sobre a elaboração de uma história que será apresentado posteriormente neste texto.

O trabalho de produção com cerâmica não era uma novidade para os meus educandos, pois a escola possuía uma sala de artes, argila e forno de alta temperatura à disposição dos educandos, no entanto eu percebi que faltava um contexto para as produções. Percebi que eles precisavam saber um pouco mais sobre a matéria prima que dava origem à cerâmica, para que aos poucos os temas articulados os levassem a perceber que a abundância desse material em nosso território, caracterizou a grande produção artística em cerâmica que tivemos no período pré-colombiano.

Começamos falando dos vasos Marajoaras, para que eles servissem na cultura deles, porque eles faziam em tal formato e fui contando histórias sobre os povos antigos da América e sobre suas produções. Após isso, a conversa se seguiu com o levantamento de questões sobre do que eram feitos tais vasos. A partir disso, foram surgindo respostas que tinham relação com seus cotidianos como: “*vem do barro, Prof*”; prossegui perguntando sobre a serventia do barro e de imediato as respostas foram: “*pra fazer vaso, tijolo*”; “*Serve pra fazer casa ué*”; Tais repostas estão diretamente ligados ao contexto social e cultural que essas crianças estão inseridas. Parta elas, o elemento barro não era somente para produção de um objeto de apreciação artística, mas um utilitário. Essa percepção da utilidade do barro não deixa de estar conectada à produção Marajoara, tapajó e de outras culturas da América Latina.

De fato, muito da produção desses povos estava realmente relacionada com uso utilitário da matéria-prima, no entanto não podemos desqualificar a potencialidade artística que essa produção possui. Pensando nisso, o passo seguinte foi relembrar o que já havia sido contado sobre a utilidade dos vasos e os detalhes indumentários que compunham tais objetos. A partir de então começaram a surgir narrativas de acordo com as imagens que iam sendo mostradas. E nessa abordagem surgiam comentários bem amadurecidos como: “*pra guardar as pessoas que morreram*”. E pra que? “*Pra elas nascerem de novo*”. É nesse sentido que

devemos pensar na importância de reconhecer o contexto social das crianças, de ouvirmos o que eles têm a dizer sobre história e a produção artística.

Esse trabalho com cerâmica se seguiu por três aulas posteriores e tendo em vista que as crianças já possuíam uma bagagem cultural ampliada, sobre a arte Pré-colombiana e as culturas antigas, começaram a produção de seus próprios vasos. A última etapa que compôs essa prática de ensino de artes, foi o plantio de mudas nas produções (figura 10 e 11). Nesse contexto havia duas intencionalidades, a que tratava da utilização dos vasos como objeto recriado de arte e vida e a relação entre arte e ecologia.



Fig. 10: produção dos vasos antes da queima



Fig. 11: Vasos queimados e com as mudas

Após termos trabalhado com uma variedade de referências visuais adequadas a cada tema de aula, minha última proposta foi elaborar junto com educandos um livro de histórias artísticas. Tendo em vista que essa seria última prática educativa realizada do Emei Ruth Black, busquei elaborar uma atividade que representasse a história das nossas produções, do tempo que passamos juntos e do que aprendemos em cada aula. A proposta era que elaborássemos um texto, uma história, e fôssemos parando para desenharmos sobre cada parte que escrevíamos através das nossas lembranças.

Em sua maioria, as crianças participaram ativamente e relembrou o que fizemos, contando novas histórias sobre as histórias que ouviram durante o tempo que passamos juntos. Nessa prática educativa tivemos a oportunidade de desenvolver uma narrativa artística a partir do olhar que crianças tinham sobre a relação entre arte e vida, e com as imagens que conheciam da cultura visual que os cercam. Em suma era o fechamento das diversas práticas educativas que desenvolvemos na turma e uma ingênua reflexão sobre a história da arte apresentada e as suas produções artísticas.

Considerações

Considerando que esta pesquisa é parte de uma ação educativa e de reflexões a respeito do ensino da Arte na educação infantil, entendemos que uma metodologia focada na contextualização da história da arte e nos temas geradores de Freire e Pristrack, é de suma importância para iniciar as crianças em fase pré-escolar no universo artístico. Essa iniciação tornará possível mais tarde, a fruição com a produção artística, de maneira mais consciente e crítica. Além disso entendemos que após o processo que efetivou o projeto de ensino, as perspectivas com relação a introdução da história da arte na educação infantil foram muito satisfatórias, visto que foi muito bem aceita e compreendida pelas crianças. Entretanto não podemos deixar de assegurar que durante esse processo, a história artística, não somente ajudou as crianças na compreensão da arte, como ajudou também no processo criativo e estético.

Concluimos também que as narrativas construídas a partir da apresentação histórica da arte gerou novos temas de interesse do cotidiano das crianças, e essa etapa foi de grande importância para que eles pudessem reconhecer o potencial da arte para representar suas vivências e perspectivas. Foi importante para que eles percebessem que por trás de muitos trabalhos artísticos há um artista, que sente, que cria, que se articula com mundo a sua volta e que narra sua visão poética e artística da vida.

Vale ressaltar também a importância que teve os temas geradores, a partir do referencial artístico, para se ouvir e refletir sobre a visão que criança em idade pré-escolar tem da vida. Acreditamos, portanto, que a metodologia usada deva ser pensada na formulação de novas práticas educativas que reconheçam a importância da relação entre arte e cotidiano para o processo escolar.

Consideramos, assim, que o ensino da Arte deva ser pautado em propostas pedagógicas que proporcionem construções artísticas focadas na realidade empírica do educando. Pois é a partir da análise de seu meio e da associação com temas teóricos que o educando começa a tecer um conceito filosófico de sua existência e a reconhecer-se como um sujeito social. E é analisando esteticamente o seu meio que ele começa a desenvolver a sua formação humana sensível e conceitual.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. **Abordagem Triangular**. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **A Imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

_____. As mutações do conceito e da prática. In: BARBOSA, Ana Mae (org). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

CALDART, Roseli Salette in: PISTRACK, Moisey Mikhailovitch. **Fundamentos da escola do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e Prática da Libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende. **Arte na Educação Escolar**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MEIRA, Marly Ribeiro; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **Arte, Afeto e Educação**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2010.

NUNES, Ana Luiza Ruschel. **História da arte e desenvolvimento do Pensamento estético da criança: uma aprendizagem significativa**. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v.5, n.1, p. 57-68, jan.-jun. 2010. Disponível em <<http://www.periodicos.uepg.br>>

PARSONS, M. **Compreender a arte**. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

PARSONS, Michael J. Prefácio. In: ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam: Leitura da arte na escola**. 3ª edição. Porto Alegre: Mediação, 2003.

Pistrack, Moisey Mikhailovitch. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam: Leitura da arte na escola**. 3ª edição. Porto Alegre: Mediação, 2003.

OSTETTO, Luciana E. & LEITE, Maria Isabel. **Arte, infância e Formação de Professores: Autoria e transgressão**. Campinas: PAPIRUS, 2015.